

Pra Começo de Conversa

Uma das primeiras da conferência, a mesa teve como objetivo apresentar à sociedade aqueles e aquelas que compõem a comunidade LGBTQIA, buscando desmistificar a ditadura heteronormativa e discorrer sobre conceitos importantes, como corpo, genitais, orientação sexual, papéis e identidade de gênero. Mediadas pela psicóloga e psicanalista Maya Foigel, que atuou no processo transexualizador do Sistema Único de Saúde e é idealizadora e uma das coordenadoras do portal de notícias Transexuais SP (transexuais.sp.com.br), as convidadas para tratar o tema foram a advogada e jornalista Heloísa Gama Alves, membro da Comissão da Diversidade Sexual e Combate à Homofobia da OAB/SP e do Grupo de Advogados pela Diversidade Sexual (Gadv), também de São Paulo; e mulher, lésbica, transexual, feminista Luiza Coppieters, também professora, militante feminista e LGBT e membro do Conselho Municipal de Políticas LGBT.

Heloísa começou ressaltando que era a primeira oportunidade que tinha para falar sobre o que ela “de fato”: uma mulher lésbica. “O que é ser lésbica?”, perguntou aos presentes. “Para começo de conversa, é ir contra o patriarcado, é ir contra toda essa cultura que obriga a mulher a ser heterossexual, a ser mãe, a reproduzir obrigatoriamente, a casar e a ter aquele papel de coadjuvante do homem – que é quem dita as regras”.

Sua fala foi pautada pela experiência própria, deixando claro de que seu discurso como lésbica não abarca a voz de todas as pessoas que tenham a mesma orientação sexual que ela. “Sei que sofro muito menos do que uma mulher lésbica negra e que mora na periferia”, exemplificou. “Eu posso dizer até que sou uma pessoa privilegiada, porque nunca sofri preconceito por ser lésbica – talvez por não ter um jeito tão “masculizado”. Sim, porque até isso a gente tem que suportar: achar que toda mulher lésbica ‘tenha’ que ser ‘masculina’, sempre tem um estereótipo”. Heloísa contou também que quando ocupava a cadeira de coordenadora na Coordenadoria de Diversidade do Estado de São Paulo, cargo hoje ocupado por Soninha Francine, sofreu machismo por parte de homens gays do movimento social. “E isso é muito louco. Para vocês terem uma ideia, eu sou a primeira lésbica a ter um cargo de gestão LGBT aqui no estado de São Paulo. Se você pegar, por exemplo, a Prefeitura de São Paulo, que tem uma Coordenação de Políticas para a Diversidade Sexual desde 2005, nós tivemos apenas homens gays ocupando o papel de Coordenador. No Brasil todo, tirando eu, tem uma gestora na Paraíba e só, não me lembro de mais nenhuma outra mulher lésbica à frente desse cargo. Então, a nossa [*das mulheres lésbicas*] invisibilidade ainda é muito grande em todos os espaços de gestão. E isso assusta um pouco. Assusta-me o machismo presente até mesmo dentro do movimento social”.

Luiza Coppieters também falou de sua experiência. Contou como fez a transição “tardiamente”, aos 33 anos, e como esse processo significou a morte de uma identidade e o nascimento de outra. “Ali foi uma morte do Luizão para surgir a Luiza”, contou. “Foi uma libertação e um prazer muito grande”. Nesse recomeço, disse ainda, uma das coisas fundamentais foi entender a diferença entre identidade de gênero e orientação sexual – “algo que quando

“você vive parece banal, mas que muitas pessoas ainda confundem”. “Você ouve, por exemplo, comentários dos mais esdrúxulos do tipo: ‘se você gosta de mulher, por que virou mulher?’. Para mim, esse momento serviu para que eu pudesse explicar um pouco isso a partir da minha vivência – e isso é algo que eu gosto muito de fazer, até pelo meu ofício de professora”. Luiza afirmou ser parte de seu discurso recorrente, deixar claro que a maneira como um indivíduo se identifica não é determinante para a forma como seu desejo se comporta ou para quem ele se direciona. “Eu percebi que isso foi algo que mexeu com muita gente, muitas pessoas que estavam ou estão passando pela mesma coisa me procuraram. Isso foi muito emocionante para mim, até porque no meio LGBT não existe um consenso, uma irmandade tampouco uma compaixão. Haja visto a tensão que a gente sabe que existe entre os homens gays e as pessoas transexuais. E isso acontece, em parte, por conta da postura machista e misógina que muitos gays assumem”.

A participação da plateia nessa mesa se deu por meio da metodologia aquário – ou seja, uma cadeira foi colocada no palco a fim de receber todos os que quisessem fazer perguntas ou acrescentar alguma ideia à fala das convidadas. Felizmente, esse assento não ficou vazio. Daniele, lésbica, falou sobre o modo como o preconceito em empresas ainda é mascarado. “Eu tenho uma amiga que é gerente de projetos na IBM e nunca saiu do armário – ao mesmo tempo em que a IBM tem uma puta bandeira LGBT. Nunca ninguém vai chegar para você e dizer que não te deu tal cargo porque você é lésbica, eles não vão ser loucos de tomar um processo na cara, mas eu já presenciei muito preconceito sem ter como provar – logo, sem ter como processar, a gente fica sem poder fazer nada. Com isso, nenhuma das políticas que existem para nos ajudar a combater isso são úteis nesses casos, porque não há provas”. Fe, pessoa queer, falou sobre como encara sua experiência de não se encaixar em nenhum gênero – “ou nos dois”. “Quando as pessoas olham para mim, elas veem um homem branco, com a possibilidade de todos os privilégios que um homem branco tem. Por isso eu acho tão importante essa autocrítica. Porque você pode dizer que é queer, gay, lésbica, o que for. Mas não dá para achar que vive uma, talvez, utopia do não binarismo. Então eu acho importante reconhecer os privilégios que você tem porque a gente não está nessa utopia”. Enquanto que a cartunista Laerte Coutinho – convidada da conferência, mas acompanhado as discussões na plateia desta mesa – subiu ao palco para falar de como o hibridismo na sigla LGBTQIA encontra resposta no ódio nutrido em relação a todas essas pessoas. “É um ódio que ramifica, um ódio persecutório, que chama todo mundo de ‘esquisitão’, de ‘bizarro’, de ‘pervertido’, de ‘anormal’. Laerte também quis saber se a mesa achava que as categorias de orientação sexual existentes hoje – homossexual, heterossexual, bissexual – teriam um fundamento moralista. “Porque eu penso que a questão das identidades de gênero nas discussões introduziu nessas discussões uma complexidade que historicamente vai varrer essas classificações todas para o passado”, justificou. Luiza Coppieters se encarregou da resposta, com o mesmo tom didático que caracterizou sua fala. “O termo homossexualismo foi criado no século 19. Primeiro foi criada essa expressão para depois surgir o heterossexualismo. Ou seja, primeiro você cataloga o ‘desvio’ para depois estabelecer a norma. Talvez seja moralista porque são termos que tentam categorizar o modo como eu me relaciono com o outro, o que implica uma

moralidade no campo social – ou seja, me diz que tipo de relação eu ‘posso’ ter com as pessoas. E isso engessa as possibilidades do desejo”.

A reportagem da 1ª Conferência Internacional [SSEX BBOX] & Mix Brasil aproveitou a presença de Laerte para duas perguntinhas sobre o que ela acompanhou na mesa. Veja como ficou:

Qual a importância da realização desta conferência?

Tanto pelos convidados quanto pelas pessoas da plateia, o teor das perguntas etc., relevam que essa conferência veio na hora certa para responder às inquietações que existem. É necessário a gente manter sempre esse olho crítico, porque essas identidades todas, ao mesmo tempo em que servem para a gente se reconheça enquanto grupo, também podem ser uma prisão. A gente também corre o risco de fazer dessas identidades, desses termos todos, sistemas onde a gente não ouve os outros, a gente não se comunica. Eu estou falando de um perigo que existe e que uma atitude crítica evita.

Surgiu aqui também a questão de como falar para a sociedade – ou mesmo parar de falar somente para as pessoas da comunidade e voltar o discurso para “fora”. O que você pensa disso?

Mas nós somos essa sociedade. A gente comete às vezes o erro de achar que somos saturnianos ou que viemos de outra galáxia, e que o povo da Terra não nos entende. Esse é um erro muito frequente (risos). Nós somos essas pessoas para as quais devemos falar, nós somos também essas pessoas que não entendem. Então, falemos para nós com honestidade que a gente estará falando para os outros.